

REGIONALISMO EM *O TEMPO CONSEQUENTE*

Diêgo Meireles de Paiva*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo observar aspectos regionalistas na obra *O tempo consequente*, do poeta piauiense H. Dobal. Para isso foi adotado o conceito de Chiappini (1995), que considera regionalistas aquelas obras que expressam regiões rurais, bem como a divisão historiográfica do regionalismo proposta por Antonio Candido. A análise mostrou que a poesia de H. Dobal apresenta um regionalismo dinâmico, ora romântico e saudosista, numa atitude de valorização e identificação com o ambiente rural, ora como crítica social, denunciando as mazelas do sertanejo piauiense. A primeira vertente se associa a uma paisagem bucólica, à estação das chuvas no sertão, quando o sofrimento do homem do campo é amenizado, enquanto os poemas que se concentram nos problemas sociais destacam a estação da seca. Corroborando com Chiapini, o estudo nos mostra que o termo regionalismo não deve ser tomado como sinônimo de literatura ultrapassada ou menor, mas como um movimento literário que vem se reinventando na literatura nacional.

Palavras-chave: Regionalismo; H. Dobal; *O tempo consequente*.

ABSTRACT

This study aimed to observe regionalist aspects in the work *O tempo consequente*, of H. Dobal. It was adopted the concept of Chiappini (1995), which considers regionalists those works that express rural regions, as well as the Brazilian historiographical division of regionalism proposed by Antonio Candido. The analysis showed that the poetry of H. Dobal presents a dynamic regionalism, sometimes romantic and nostalgic, having an attitude of appreciation and identification with the rural environment, sometimes like social criticism, denouncing the social problems of Piauí. The first part is associated with a bucolic landscape, the rainy season, when the suffering of the peasant is attenuated, while the poems that focus on social problems emphasize the dry season. Agreeing with Chiapini, the study shows that the term regionalism should not be taken as synonymous of outdated or minor literature, but as a literary movement that has been reinventing itself in the Brazilian literature.

Keywords: regionalism; H. Dobal; *O tempo consequente*.

* Diêgo Meireles de Paiva é Graduado em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa e Brasileira pela Universidade Federal do Piauí – UFPI – e mestre em Estudos Literários pelo Mestrado Acadêmico em Letras da mesma instituição.

1 INTRODUÇÃO

O primeiro livro de poemas de H. Dobal, *O tempo conseqüente*, publicado em 1966, foi muito bem recebido por críticos como Wilson Martins e o poeta Manuel Bandeira, angariando reconhecimento ao poeta.

Ele é dividido em duas partes, “Campo de cinza” e “As formas incompletas”. Essa divisão separa os poemas em duas categorias: os que falam da terra – o Piauí – e os que apresentam temas mais variados. Os poemas de “Campo de cinza” têm claramente um caráter mais interiorano, enquanto a segunda parte do livro apresenta contextos mais urbanos, ligados às viagens pelo Brasil e o mundo.

A expressão regionalista na literatura brasileira aconteceu com maior destaque na prosa, no entanto, existem algumas obras poéticas relevantes, como *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo. Mas a obra de João Cabral é um auto escrito em versos, ou seja, trata-se de uma narrativa. Já a poesia de Dobal em *O tempo conseqüente* é mais lírica, a exceção do poema “Leonardo”.

O regionalismo na obra dobalina já foi observado anteriormente. Leopoldino (2003 apud TORRES, 2005, p. 46), por exemplo, menciona a perspectiva regionalista nos poemas de Dobal, comparando-o a Graciliano Ramos, João Cabral e Guimarães Rosa. Já Torres (2005, p. 52) alerta que, em uma leitura superficial, Dobal pode ser tomado como um “regionalista *démodé*”, e esclarece que esta seria uma visão deveras limitada, posto que sua obra vai muito além do valor pejorativo que o termo regionalista adquiriu na história da literatura brasileira.

Para Braga (2007), ao intitular Dobal “o poeta ecumênico”, Costa Filho (in DOBAL, 2003) nega o isolamento provinciano da poesia dobalina que pode ser pensado na leitura dos primeiros poemas. Sobre essa questão, Reinaldo (2008, p.24) observa que “a obra poética de H. Dobal não se reduz aos sertões, apesar de predominarem os temas vinculados às memórias desses espaços rurais”. Na verdade, há uma limitação da visão de sua poesia neste sentido, talvez causada pelo impacto de *O tempo conseqüente*. Desde a primeira obra, percebemos na poesia de

Dobal a coexistência de duas esferas temáticas, do mundo rural e urbano, que se complementam.

No sentido de contribuir para essa discussão, este trabalho objetiva analisar a presença de regionalismo na obra *O tempo conseqüente*, segundo uma visão crítica sobre o tema. O trabalho tem como foco os poemas da primeira parte do livro, “Campo de cinza”, pois estes são os que se adéquam ao objetivo proposto.

Primeiramente será feita uma breve explanação sobre o conceito de regionalismo no contexto da literatura brasileira, e posteriormente será desenvolvida a análise da primeira parte de *O tempo conseqüente*, “Campo de cinzas”.

2. REGIONALISMO NA LITERATURA BRASILEIRA

Em 2008, foi publicado no *Estado de São Paulo* um texto com o título “*O que restou do regionalismo?*”, no qual vários artistas e críticos respondiam a esta pergunta. Luiz Antonio de Assis Brasil, por exemplo, aponta o fim do regionalismo, acreditando que com as mudanças no contexto sócio-histórico brasileiro, sua existência tornou-se inviável. Na mesma matéria, o escritor Antonio Carlos Viana afirma que o adjetivo regionalista é visto como pejorativo no meio artístico: “hoje, não há escritor que goste de ser chamado de regionalista”. Por outro lado, ele afirma que embora o regionalismo tal como ocorreu na chamada geração de 30 tenha perdido seu sentido, ainda pode existir enquanto literatura de qualidade, desde que renovado. “Encontrar o tom certo da linguagem, eis a questão.” (VIANA in *Estado de São Paulo*, 2008).

No artigo *Regionalismo e crítica: uma relação conturbada* (2010), Denise Valerius discorre sobre outras críticas negativas acerca da literatura regionalista: desde o Modernismo brasileiro a expressão regionalista já era alvo de juízos, sendo considerada uma praga a ser combatida pelos modernistas de 22, pois, ao evidenciar as diferenças do país, se apresentaria como um projeto “antinacional”; questionava-se também o trato da linguagem, que não abria mão da norma culta,

caracterizando uma contradição; e, seguindo uma lógica de evolução da arte, do local para o universal, a literatura regionalista estaria localizada na primeira etapa do processo, ou seja, seria uma forma de arte menos evoluída, a literatura do subdesenvolvimento.

Para Valerius (2010) essas críticas são injustas, pois muitas das características do regionalismo são resultantes de tendências literárias dominantes da época, tais como Romantismo, Realismo e Naturalismo. A autora questiona se dentro do contexto histórico brasileiro daquele tempo a literatura poderia se desenvolver de forma diferente, já que se tratava de um país jovem e subdesenvolvido social e economicamente. “Se a crítica modernista acusava-o de ser mera literatura de epígonos europeus, cabe perguntarmos que literatura não o era e se seria possível não o ser” (p.79). Justifica o uso da norma culta pelo direcionamento das obras ao público urbano num período em que a língua formal era muito valorizada, por influencia da referência lusitana e de correntes estéticas como o Parnasianismo. Também destaca o valor das obras literárias da geração de 1930, sendo estas fundamentais para a formação da literatura nacional. Por fim, ela concorda que o regionalismo não é um fenômeno literário datado.

Sabemos que a escrita regionalista continua presente não apenas em nossa literatura, mas nos mais diversos sistemas literários espalhados pelo mundo, contrariando, inclusive, a política econômica e cultural do processo de globalização que vige mais fortemente nas últimas três décadas. Devemos procurar entendê-lo, portanto, não como uma tendência anacrônica ou como sinônimo de literatura menor, mas como um fenômeno literário dinâmico que se encontra em constante processo de transformação. (VALERIUS, 2010, p. 79)

Historicamente o Regionalismo na literatura brasileira é dividido em três fases, de acordo com esquema pensado por Antonio Candido (apud FRIZON, 2004): “Primeira, a de predomínio da incorporação; segunda, a de predomínio da exclusão; terceira, a de predomínio da sublimação”. A primeira é aquela que surgiu

no Romantismo, um regionalismo que busca uma identidade e unidade nacional, com escrita ajustada à norma culta. A segunda abandona a intenção anterior, evidenciando as diferenças entre o urbano e o rural numa abordagem pitoresca que vê o homem do campo como um ser exótico em relação ao cidadão, enfatizando esse aspecto pelo uso do contraste entre discurso formal e coloquial. A última, que surge a partir da década de 1930, supera o aspecto folclórico da etapa anterior, revela uma consciência social e expõe os problemas da vida rural, fazendo uso equilibrado da linguagem culta e coloquial. Desdobra-se no “super-regionalismo”, havendo uma sublimação do regional por meio do experimentalismo e invenção na linguagem.

Em dissertação sobre a evolução da visão de literatura regionalista ao longo da produção crítica de Antonio Candido, Frizon (2007) mostra o impacto da publicação das obras de Guimarães Rosa na visão do crítico acerca do regionalismo. Antonio Candido usou o termo super-regionalista para caracterizar a obra de Rosa, como uma espécie de superação em relação à geração de 30. Para Frizon, essa empolgação de primeiro momento foi causada pela exuberância estética de *Sagarana* e principalmente de *Grande sertão: veredas*, que ofuscou o aspecto social dessas narrativas como literatura regionalista. Mas Luiz Bueno (2006, p. 210) alerta que “é preciso, aliás, depois da experiência tão forte que é a obra de Guimarães Rosa, tomar cuidado para não levar ao exagero o desprezo pelo regionalismo dos anos 30”.

Segundo Chiappini (1995), a obra literária regionalista tem sido definida como aquela que, intencionalmente ou não, revela peculiaridades locais. Mas este conceito é muito vago, pois, de certa forma, toda obra traz certa representação de características locais em maior ou menor grau, ou seja, de acordo este conceito a maior parte da ficção brasileira pode ser considerada regionalista. No entanto, historicamente, o conceito de regionalismo que vigora ou caracteriza a literatura brasileira deste tipo é o de “obras que expressam regiões rurais e nela situam suas ações e personagens, procurando expressar suas particularidades lingüísticas.”

(CHIAPINI, 1995, p. 155). De acordo com Marcelo Frizon (2007), esse é o conceito que predomina nos trabalhos de Antonio Candido.

Na passagem a seguir Chiappini (1995) torna mais claro seu conceito de literatura regionalista, social e esteticamente:

O regionalismo lido como uma tendência mutável onde se enquadram aqueles escritores e obras que se esforçam por fazer falar o homem pobre das áreas rurais, expressando uma região para além da geografia, é uma tendência que tem suas dificuldades específicas, a maior das quais é tomar verossímil a fala do outro de classe e de cultura para um público citadino e preconceituoso que, somente por meio da arte, poderá entender o diferente como eminentemente outro e, ao mesmo tempo, respeitá-lo como um mesmo: "homem humano". (p. 157)

Para Chiappini (1995), a visão do regionalismo com um movimento fechado em determinado período histórico é empobrecedora. O adjetivo “regionalista” não deve ser tomado como sinônimo de literatura ultrapassada ou de qualidade inferior. A crítica não precisa buscar outro termo para descrever obras literárias regionalistas de grande valor, pois em qualquer tendência literária sempre vão existir obras boas e ruins.

3 ASPECTOS REGIONALISTAS EM O *TEMPO CONSEQUENTE*

O poema inicial de *O tempo consequente* chama-se “Campo maior” (DOBAL, 2007, p. 27). Ele é regido por uma nostalgia em relação ao ambiente rural: os campos verdes, as carnaúbas, o “chão das vacas e ovelhas”, a fazenda. As lembranças são acompanhadas pela interjeição “Ai”, como suspiros que revelam o afeto pelas imagens trazidas. Também é importante observar que são recordações da estação das chuvas, que os sertanejos chamam de inverno.

Ai campos de verde plano

todo alagado de carnaúbas.
Ai planos dos tabuleiros
tão transformados tão de repente
num vasto verde num plano
campo de flores de babugem.
("Campo maior", DOBAL, 2007, p.27)

Algo semelhante ocorre no soneto "Inverno I" (DOBAL, 2007, p. 37), em que aqueles que foram embora para a cidade sentirão saudades da vida no campo. Apresenta-se a comparação mais explícita com o ambiente urbano, sendo este um lugar de confinamento em que as memórias do campo persistem, comparação também presente em "Bestiário" (DOBAL, 2007, p. 30), com os versos "neste imenso curral em que te amansas" "triste e só campeador de lembranças".

Nos poemas apresentados existe uma valorização do campo, ou até mesmo uma exaltação bucólica. Essa abordagem saudosista também está presente em outras composições da obra. Ela remete principalmente ao período chuvoso. É na época das chuvas que o sertanejo tem seu sofrimento amenizado, pois o acesso à água é facilitado e as plantações vingam. Além disso, a paisagem muda completamente, os riachos voltam a correr, a vegetação se revigora, trocando a tonalidade cinza pelo verde.

Essa visão romântica lembra a primeira fase do regionalismo brasileiro pela valorização do ambiente natural. Se no contexto do séc. XIX fala-se de descobrimento e busca de identidade nacional, em *O tempo conseqüente* talvez seja possível falar em identidade piauiense, especialmente quando se apresentam elementos típicos da região, como a carnaúba e os caprinos.

Segundo Humberto Araújo (2008), a valorização dos aspectos naturais durante o séc. XIX era uma tentativa de compensar o atraso material e a debilidade das instituições do governo. Como um dos estados mais pobres do Brasil, o Piauí do séc. XX não apresentava um contexto muito distante daquele. Porém, na poesia de Dobal esse campo valorizado é apresentado predominantemente sob uma perspectiva mnemônica ou onírica, não como algo presente, mas que foi perdido, o

que coaduna com o tom elegíaco dos poemas. Não se trata, pois, de uma abordagem ingênua ou progressista.

A visão saudosista é apenas umas das faces do regionalismo presente em *O tempo conseqüente*. Na verdade, a menos marcante. Mesmo que em alguns poemas haja uma exaltação à natureza do interior do Piauí, não são omitidas as dificuldades que o homem do campo tem que enfrentar para sobreviver. O eu lírico que se lembra das belezas de sua terra também não consegue ficar alheio ao sofrimento do sertanejo, chegando a compará-lo a “outros bichos” pelas condições precárias de vida (“Bestiário”, DOBAL, 2007, p.30).

A visão de homem na poesia de Dobal se aproxima de uma perspectiva naturalista, excluindo desta a exploração das viciosidades humanas. O homem do campo não aparece como sujeito, como o personagem Severino de *Morte e vida severina*, por exemplo, mas como um ser que é apenas observado em sua vida difícil, que não tem voz ativa.

O eu lírico não é um dos sertanejos, mas um eu externo que retrata o outro, o homem do campo. Graciliano Ramos (apud BUENO, 2005) se preocupava com a relação entre o escritor e a realidade do personagem no romance regionalista, em ser fiel ao retratar o outro, já que a realidade que o autor narrava não era a sua. Essa preocupação também é visível nos poemas de Dobal.

Embora diretamente não represente a fala do sertanejo, como costumava fazer Graciliano com narrativas regionalistas em primeira pessoa, Dobal traz uma visão bem consistente da condição social do homem do campo e, de maneira indireta, acaba dando voz àqueles que pelas suas condições socioeconômicas não a têm, estão ausentes. Em “Leonardo”, poema sobre o personagem histórico heroico resgatado nos versos de Dobal, clama-se por essa voz ausente:

Ai campos de criar
campos do Piauí
as forças de Leonardo
outras forças criem aqui.

A interjeição “ai”, que outrora (no poema “Campo maior”) enfatiza o sentimento de saudade, se transforma em profunda lamentação do eu lírico diante da seca e da pobreza do sertão do Piauí, a exemplo do poema seguinte:

Ai terras pobres do Piauí.
Capins cupins. Nestas chapadas
corcoveadas de cupins,
o capim agreste não dá sustança,
o gado magro mal se mantém.
 (“Introdução e rondó sem capricho”, DOBAL, 2007, p. 30)

O problema do sertanejo não é tão somente a seca, mas a desigualdade social em si, que não fornece meios de enfrentar esse problema. “Réquiem” (DOBAL, 2007, p. 29) é uma amostra clara da consciência social do poeta em relação a isso:

Réquiem

Nestes verões jaz o homem
sobre a terra. E a dura terra
sob os pé lhe pesa. E na pele
curtida *in vivo* arde-lhe o sol
destes outubros. Arde o ar
deste campo maior desta lonjura
onde entanguidos bois pastam a poeira.

E se tem alma não lhe arde o desespero
de ser dono de nada. Tão seco é o homem
nestes verões. E tão curtida é a vida,
tão revertida ao pó nesta paisagem
neste campo de cinza onde se plantam
em meio às obras-de-arte do DNOCS
o homem e outros bichos esquecidos.

A começar pelo título, que se refere a uma composição litúrgica destinada aos mortos, o poema sugere o homem do campo numa condição de ser morto, “jaz o homem sobre a terra”, tamanho o sofrimento. Questiona-se até se este homem tem alma. “Tão seco é o homem nestes verões” que não tem forças para reagir à

condição de “ser dono de nada”. A terra em que ele vive e trabalha pertence ao fazendeiro. As obras do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), órgão público destinado a melhorar a qualidade de vida do homem do campo, são apenas “obras-de-arte” que não servem à população. O homem se vê obrigado a trabalhar nas terras alheias e em péssimas condições de trabalho.

Crítica semelhante é encontrada no poema “BR-22” (DOBAL, 2007, p. 39), constatando que a referida estrada só serve à exploração econômica de cera de carnaúba. Pela BR-22 passa o dinheiro “das arrobas de cera das arrobas de gado”, enquanto no campo, onde vivem os sertanejos, “vermelha a poeira se espalha”.

Com os poemas de testemunho social, é possível aproximar H. Dobal da geração de 30. Não numa correspondência direta, mas no sentido de criar uma tomada de consciência dos problemas locais e de buscar manter uma verossimilhança. Dacanal (1986) cita ainda um otimismo ingênuo como característica do regionalismo de 30, aspecto que também não aparece em *O tempo conseqüente*.

É notável a ausência da chuva e da água nos poemas que tratam dos problemas sociais. Esse fato atesta a consciência do poeta sobre a importância do fenômeno meteorológico para a vida do sertanejo. O “inverno” é uma época mais próspera no sertão. Logicamente, seria difícil conciliar o período mais afortunado com a crítica social. Assim, torna-se clara uma diferenciação entre os poemas de exaltação ao interior, com a presença da chuva e da vegetação verde, e os poemas que denunciam as mazelas do sertanejo no ambiente hostil da seca.

Essa diferença não é apenas temática e perpassa inclusive a estrutura dos poemas, sendo comum a utilização dos sonetos para os temas elegíacos e bucólicos, ainda que Dobal os faça a sua maneira, conforme demonstrou Reinaldo (2008). Já nos poemas marcados pela denúncia e crítica social são mais recorrentes os versos livres.

Como literatura regionalista, *O tempo conseqüente* também retrata alguns costumes locais, como o arrendamento de terra no poema “Homem” (DOBAL,

2007, p. 35); e as queimadas, retratadas como um costume triste e comum em “Gleba dos ausentes” (DOBAL, 2007, p. 44). “A raça” (DOBAL, 2007, p. 42), por sua vez, expõe um traço regional muito singular dos moradores do sertão piauiense, que se tratam de forma semelhante, “de igual para igual”.

Quanto à linguagem utilizada nos poemas da primeira parte de *O tempo conseqüente*, ela se apresenta enxuta, direta, conforme descrição da crítica vigente. Fica claro que Dobal optou por um padrão de linguagem mais formal, embora não abra mão de recorrer ao vocabulário local que caracteriza a região, com expressões coloquiais como “sustança” e “cavalim”, por exemplo. Uma linguagem deveras ornamentada dificilmente caberia nos temas em que investe o poeta.

Com essa escolha, Dobal afastou o risco de tornar sua poesia muito exótica, ou até mesmo transformá-la em uma representação pitoresca do Piauí. Não existe grande reinvenção da linguagem, mas um trabalho de equilíbrio formal/coloquial que novamente se assemelha ao regionalismo dos escritores da geração de 1930. No entanto, convém ressaltar que isso não implica em um vocabulário pobre, conforme as leituras de Aragão (2011) e Paiva (2013).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela análise da primeira parte de *O tempo conseqüente* foi possível identificar dois focos sobre o ambiente rural: a visão saudosista e a crítica social à condição do homem do campo. Assim, verificamos que a poesia de H. Dobal apresenta características que remetem tanto ao regionalismo romântico quanto ao regionalismo de 30, além de peculiaridades que a diferenciam destas duas vertentes.

Não há aqui a intenção de enquadrar o poeta em nenhuma das divisões do regionalismo proposta por Candido, mas apenas demonstrar como esse viés se apresenta na poesia de Dobal por meio um comparativo com o contexto da literatura nacional. Percebeu-se um regionalismo dinâmico, o que inviabiliza uma tentativa classificatória dessa natureza.

O tempo consequente é uma prova qualitativa de que o regionalismo continua vivo na literatura brasileira. Ao contrário do que dizem alguns críticos, não foi uma moda passageira, mas uma tendência que está se reinventando.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Adriano Lobão. H. Dobal: A linguagem do tempo e seus artifícios. **Jornal Diário do povo**, Teresina, fev. 2011. Disponível em: <http://adrianolobao.blogspot.com.br/2011/02/h-dobal-linguagem-do-tempo-e-seus.html>. Acesso em: mar. 2013.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**. Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008. Editora UFPR.

BRAGA, Herasmo. Leituras da obra poética de H. Dobal. In: EUGÊNIO, João Kennedy; SILVA, Halan (Org.). **Cantiga de viver: leituras**. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Unicamp, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

CHIAPPINI, Luiza. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo na literatura. **Revista estudos históricos**. Rio de Janeiro. vol. 8. n. 15. 1995.

DACANAL, José Hildebrando. **O romance de 30**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1986.

DOBAL, H. O tempo consequente. In: _____. **Poesia reunida**. 3. Ed. Teresina: Plug, 2007.

H.DOBAL: um homem particular. Produção Cassia Moura e Gardênia Cury. Roteiro e direção Douglas Machado. Teresina: Trinca filmes e Instituto Dom Barreto, 2002. DVD, son., color.

FRIZON, Marcelo. Morte e vida Severina e o super-regionalismo. **Terceira Margem**. Rio de Janeiro, n. 12, jan. 2005. Disponível em:

<http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/terceiramargemonline/numero12/x.html#_ftn1>. Acesso em: jun. 2011.

_____. **O regionalismo na literatura brasileira: o diagnóstico de Antonio Candido.** Porto Alegre: UFRS, 2007.

LIMA, Luiz Romero. **Literatura brasileira de expressão piauiense.** 4. ed. Teresina: Luiz Romero Lima, 2003.

PAIVA, Diêgo Meireles de. **Um poeta particular: estudo estilométrico da poesia de H. Dobal.** Dissertação. Teresina: UFPI, 2013.

REINALDO, Lilásia C. de A. L. **A poesia moderna de H. Dobal.** Teresina: EDUFPI, 2008.

SCLIAR, Moacir; et al. O que restou do regionalismo?. **Folha de São Paulo.** 6 dez. 2008.

TORRES, Wanderson Lima. **O fazedor de cidades: mimesis e poíesis na obra de H. Dobal.** Dissertação. Teresina: UFPI, 2005.

VALERIUS, Denise Mallmann. Regionalismo e crítica: uma relação conturbada. **Antares: Letras e Humanidades.** Universidade de Caxias do Sul, n. 03, p. 63-80, jan.-jun. 2010.